

Chronos/Kairós

Os processos do sistema *Ics.* são *intemporais*; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo.

A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema *Cs.*
(Freud, 1915/1990a, p. 214)

Durante o percurso editorial mais recente, espontaneamente foi se compondo uma trilogia que permite integrar as últimas seções temáticas do *Jornal de Psicanálise*, inspiradas em mitos: primeiramente, em 2019, com *Thanatos* (n. 96), *Eros* (n. 97), e, agora, *Chronos/Kairós* (n. 98). A evidência da brutalidade e da estupidez demanda recursos vitais e emocionais para processar psiquicamente instintos humanos animais, destrutivos, coexistindo com instintos civilizatórios associados a ética e criatividade.

O tempo do desejo e o da realidade factual podem se harmonizar com tolerância ao imediatismo insatisfeito, com o prazer adiado, não necessariamente impedindo a satisfação, mas gradativamente agregando-lhe qualidade afetiva e simbólica.

O consenso em torno do “tempo” como tema para este número deu-se em meados do segundo semestre de 2019, compartilhado oportunamente com a diretoria da Associação dos Membros Filiados (AMF) – que completa 50 anos, daí a seção comemorativa programada para esta edição. Em celebração ao cinquentenário, contamos com as reflexões de sua presidente, Gizela Turkiewicz, e da autora do trabalho premiado pela AMF, Claudia Amaral Mello Suannes.

Ainda em clima de comemoração, a seção “História da Psicanálise” traz a curiosa ata da reunião de fundação da AMF, além de trechos das entrevistas realizadas com as colegas Amélia Vasconcellos e Myrna Favilli, figuras de destaque na construção desse espaço institucional.

Ester Hadassa Sandler e José Martins Canelas Neto, na “Aula inaugural do Instituto”, assim como Maria Luiza Salomão, no “Diálogo com um jovem colega”, transmitem as peculiaridades de suas trajetórias na formação psicanalítica.

O tempo cronológico, sequencial, mensurável, se associa à finitude, ao rei dos titãs – *Chronos* –, que tudo devora... *Kairós*, filho de *Zeus* e de

Tyche, deusa da prosperidade, está associado ao momento indeterminado em que algo especial e oportuno acontece, a um instante valioso no presente, de natureza qualitativa, não linear.

Surpreendentemente, o tema adquiriu incrível realce em função da parada abrupta em nossa rotina ou de sua transposição para o espaço *online*: o novo coronavírus chega intensificando angústias de morte, concretamente acelerando óbitos,¹ evidenciando o desamparo humano, a experiência emocional e temporal de desestabilização, em praticamente todo o planeta.

O contraste e conexões entre indivíduo e grupo suscitam polarizações e paradoxos, como narcisismo/socialismo, saúde privada/pública, exclusão/inclusão, obscurantismo/ciência, e, no limite, morte/vida. A vulnerabilidade ecológica, além da biológica, põe em xeque a geopolítica e o sistema socioeconômico global. Considerando previsões de indígenas, biólogos, economistas, entre outros especialistas, de que a poluição desmedida e o crescimento violento do desmatamento da Amazônia trariam consequências desastrosas, não deixa de ser curioso que, ao agredir intensamente o “pulmão do planeta”, o ser humano seja tão atacado em sua capacidade respiratória, faltando-lhe justamente os pulmões no agravamento veloz da covid-19.

O *setting* psicanalítico presencial foi suspenso, o impasse evoca cenários de guerra: ou a dupla psicanalítica continua seu trabalho a distância, e meios tecnológicos não faltam para isso, ou o interrompe, dadas as recomendações científicas mundiais, respeitadas (ou não) nas mais diversas instâncias governamentais. Muitas questões afloram, como continuidade e descontinuidade do vínculo, contato emocional e sensorial, a materialidade do *setting* no espaço virtual (celular, computador, fones de ouvido, aplicativos, imersão no espaço doméstico), a imaterialidade nas *reveries*, mudança catastrófica e mudança criativa, entre outros fenômenos clínicos classicamente instigantes, elaborados em profundidade pelos colaboradores da seção temática, na abertura deste número. Vale conferir.

Bion, como pode ser visto no artigo de Anne Lise Scappaticci e Orlando Hardt Jr., transformou seu antecedente militar num recurso refinado de sensibilidade analítica. O autor foi comandante em *front* de batalha na Primeira Guerra Mundial e atuou como psiquiatra no Exército britânico na Segunda Guerra:

1 Na data da revisão deste editorial, o Brasil registra cerca de 3 milhões de casos confirmados de covid-19 e mais de 100.000 óbitos, uma média de mortes diárias de 1.000 pessoas. Esses números são atualizados diariamente.

Na guerra, o objetivo do inimigo é aterrorizar você para impedi-lo de pensar claramente, enquanto o seu objetivo é continuar a pensar com clareza, apesar de a situação ser adversa ou amedrontadora, porque isto é uma vantagem para você. A ideia subjacente é que pensar com clareza é vantajoso e conduz a ficar atento ao que eu chamo de “realidade”, a avaliar corretamente o que é real. Mas tornar-se conhecedor da realidade pode envolver o conhecimento do desprazer, porque ela não é necessariamente prazerosa ou bem-vinda. (Bion, 1979, p. 467)

Um desprazer humano é a percepção de que, em algum momento, vai destituir-se de vitalidade e morrer. Com a pandemia, tal dimensão do real – a transitoriedade – se materializa de modo exacerbado. Por ser transitória a vida é revestida de sentido ético, como pondera Freud durante um passeio em companhia de um poeta que se mostrava profundamente indignado com a finitude: “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo ... Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela” (Freud, 1916/1990b, pp. 345-346).

A complexidade intrínseca às questões relacionadas ao valor da vida é abordada na seção “Interface com a cultura”, em que publicamos a edição escrita do evento promovido pela diretoria da SBPSP em setembro de 2019, intitulado “Prevenção do suicídio”, com as participações de Carlos Cais, Leda Spessoto e Roosevelt Cassorla, e a coordenação de Luciana Saddi. São bem-vindas as considerações epidemiológicas, psiquiátricas e psicanalíticas sobre o suicídio, no enfoque preventivo e interdisciplinar. Na mesma seção, *Medusa* e seus poderes mortíferos e ambiguidades são articulados a material clínico, por Cleuza Mara Perrini. Contamos, ainda, com observações perspicazes no texto de Amneris Maroni, referentes ao premiado filme *Bacurau* (2019), transpondo para dimensões socioculturais e históricas a atemporalidade dos instintos humanos.

Na seção “Temas livres” encontram-se interessantes contribuições clínicas e teóricas, em sintonia com grandes autores da escola inglesa como da francesa. Além do estilo criativo na crônica de Talita Oliveira.

No enfrentamento da crise sanitária internacional, torna-se imprescindível a crescente valorização da ciência e da arte enquanto direitos humanos, e, nesse sentido, a valorização da psicanálise como campo de conhecimento que integra os vértices científico e artístico, num método que requer grande disponibilidade do analista para identificar e elaborar a destrutividade que pulsa dentro de si e nas relações intersubjetivas.

Um olhar especial de Fabio Herrmann sobre a China é elaborado por Fernanda Sofio, em edição crítica resenhada por Sandra Schaffa.

A seguir, no editorial de Lidia Freitas, parceira incansável nesta jornada, o leitor é convidado a sonhar delicadamente a proposta temática desta edição.

Esperamos, assim, contribuir para o encontro vivo com os autores que aqui colaboraram, em tempos difíceis que sonhamos e ressonamos superar...

Boa leitura!

Referências

- Bion, W. (1979). Como tornar proveitoso um mau negócio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 13(4), 467-78. (Original em inglês: “Making the best of a bad job”, artigo publicado na edição de março de 1979 do *Bulletin of the British Psychoanalytical Society*. Editor responsável: Dr. Dinora Pines)
- Freud, S. (1990a). O inconsciente. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 14, pp. 191-245). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1990b). Sobre a transitoriedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 14, pp. 343-348). Imago. (Trabalho original publicado em 1916)

Ana Clara Duarte Gavião

Editora

jornaldepsicanalise@sbsp.org.br